

UMA ADMIRÁVEL OBRA PARA UM VELHO MUNDO NOVO

Paola Pereira¹

Poderíamos começar esta resenha afirmando que este livro consiste em uma ficção científica, que fala sobre a sociedade contemporânea e faz previsões para uma sociedade futura baseado em fatos do presente. Mas se começássemos assim, talvez o leitor parasse por aqui, pois são muitas as obras que falam sobre este assunto - porém nenhuma delas com a abordagem brilhante de Aldous Leonardo Huxley. E já que estamos falando deste autor, Huxley nasceu em 26 de julho de 1894, na Inglaterra, começou sua trajetória literária aos vinte e dois anos com uma coletânea de poemas. Mas a obra que alavancou sua carreira foi a novela *Crome Yellow*, lançada em 1921; depois dessa obra seguiram algumas sátiras e outros livros, entre os quais *Sem olhos em Gaza* (novela pacifista de 1936), *O tempo deve parar* (1944), *As portas da percepção* (1954) e *A Ilha* (1962). Quanto ao livro aqui em questão, *Admirável Mundo Novo*, publicado em 1932, devemos começar alertando aos leitores que não encontrarão nada de “novo” no “admirável mundo” do autor. Não estamos querendo desinteressar os possíveis leitores, pelo contrário, estamos alertando para a triste possibilidade de reconhecer em um livro futurista, escrito para relatar uma nova era, todas as características da nossa sociedade atual.

Imaginemos o começo de uma nova era, a Era Ford, em que os seres são encubados, e, desde o momento da fecundação já predestinados cada qual à sua função na sociedade. E como isso pode acontecer? Simples, quando são encubadas as crianças ficam separadas por setor e são classificadas em Ípsilons, Deltas, Gamas, Betas e Alfas. Os Ípsilons, por exemplo, serão submetidos aos trabalhos manuais da sociedade, portanto não precisarão de inteligência, sendo assim é só cortar o oxigênio o suficiente para que seu cérebro não se desenvolva e ele tenha uma estatura menor, pois a estatura está diretamente relacionada com o poder. Mas para não existir mesmo a possibilidade destas crianças desenvolverem seus cérebros, ao nascerem, por volta de oito meses, serão levadas para uma sala e lhes serão mostrados livros e flores, porém, ao tocá-los receberão doses de choques e serão ensurdecidas com apitos e sirenes tão incômodos que, futuramente, ao verem um livro sua memória os remeta a essa lembrança, fazendo com que tais crianças tenham uma reação negativa. E para os Alfas, a alta camada da sociedade, doses de conhecimento desde pequenos, mas não todo tipo de conhecimento, também serão condicionados. Essa predestinação é detalhada, não pode haver falhas. “Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar” (HUXLEY, 2009, p.44).

Esse mundo seria perfeito, não teríamos problemas com pessoas rebeldes que não se encaixam na sociedade. Todos estariam felizes em seus lugares, as máquinas trabalhariam sem nenhum problema, e as pessoas não se afastariam do trabalho por invalidez e nem sofreriam com doenças causadas por produtos químicos ou calor excessivo de caldeiras, pois desde a encubadora já estariam adaptadas ao seu papel social. Pense em quanto “benefício” para o trabalhador... E como seria belo o momento de morrer, porque seríamos condicionados a enfrentá-lo como o melhor momento de nossa vida, mas já ia me esquecendo, não haverá motivo para tristeza, pois os indivíduos serão privados de qualquer

¹ Aluna do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos. Contato: paolaped10@gmail.com

tipo de relação familiar e afetiva. Aliás, essa palavra não existirá mais, pois nessa nova era “cada um pertence a todos” (HUXLEY, 2009, p.84), mas se você está se perguntando a razão de tudo isso, deve saber que para que uma sociedade funcione é necessário que cada indivíduo cumpra com seu papel, que ninguém queira mudar de sua *casta*, pois não podemos mudar o que foi determinado pelo ser mais superior de todos os seres, *Sua Forzeza Mustafa Mond*, é preciso que tudo esteja em seu devido lugar, pois, “não há civilização sem estabilidade social” (HUXLEY, 2009, p.82).

Talvez seja necessário esclarecer quem é Mustafa Mond. Numa era muito distante “havia também uma coisa chamada Deus” (HUXLEY, 2009, p.96), que as pessoas exaltavam e acreditavam ser superior, mas isso já foi devidamente superado, nessa nova era temos Mustafa Mond para esclarecer todas as coisas do mundo!

Haveria também nessa era passada algo chamado democracia. As pessoas dessa época acreditavam que “os homens fossem mais do que físico-quimicamente iguais” (HUXLEY, 2009, p.89). Imaginemos um Ípsilon com os mesmos direitos de um Alfa mais, que ofensa!... Se acontecer algum engano e alguém não estiver satisfeito com a sociedade, é preciso tomar atitudes a esse respeito. Primeiro, nesta nova sociedade, é oferecida o *soma*, uma droga que substituiu a cocaína e a morfina do passado. Para ser fabricada “dois mil farmacologistas e bioquímicos foram subvencionados pelo Estado no ano 178 d.F.” (HUXLEY, 2009, p.97), e aproximadamente seis anos depois a “droga perfeita” estava pronta para manter as pessoas felizes, sem danos à saúde. A segunda medida a ser tomada, se o *soma* não adiantar, é o sacrifício, pois “é preferível o sacrifício de um à corrupção de muitos” (HUXLEY, 2009, p.233), e desta forma é feita a manutenção dessa sociedade cada vez mais perfeita.

Quanto aos que não se ajustam, esses vivem em reservas de selvagens bem longe da civilização, cercados por muros, completamente isolados, e também são, de certa forma, condicionados a não sair da reserva. Seus costumes são primitivos e vivem na mais completa imundície; ainda têm pais e mães, envelhecem, não consomem artigos de luxo, remendam as roupas e reutilizam as coisas, isso é visto como “esquisito”, repugnante e antissocial.

Bem - caso você tenha lido até aqui, pode ser que concorde com Lenina, uma Alfa de nossa história, a qual afirma que “agora todos são felizes” (HUXLEY, 2009, p. 127) nessa nova era em que tudo funciona perfeitamente. Caso concorde, talvez deva se preocupar. Ela ouviu isso cento e cinquenta vezes por noite durante doze anos, e você?

Ao ler o livro percebemos que o autor não estava falando de uma era inexistente, ou futurista. Muitos aspectos relatados pelo autor já aconteciam bem antes do livro ser escrito. Basta lembrar a afirmação de Marx e Engels (2009, p. 50) sobre o desenvolvimento do capitalismo quando destacam que “em seu domínio de classe de apenas cem anos, a burguesia criou forças produtivas mais poderosas e colossais do que todas as gerações passadas em conjunto”, o que acarretou um aumento desenfreado do consumismo na sociedade. As pessoas já nascem “adaptadas”, pois, o sistema “obriga todas as nações, sob pena de extinção, a adotarem o modo de produção da burguesia (...)” (MARX e ENGELS, 2009, p.49). E os que não adotam o sistema são facilmente identificados: são considerados esteticamente inferiores aos burgueses, moram em favelas ou “reservas de selvagens”, localizadas em encostas de morros, locais que estão sujeitos a deslizamentos de terra, subúrbios e periferias de quase todas as cidades. Mas isolá-los não é o suficiente, pois ainda há alguns “selvagens” que se destacam, superando burgueses natos em algumas habilidades, então a sociedade cria mecanismos que sempre procuram identificar “o lugar” de cada um, para que nunca tenhamos os mesmos direitos. A relação entre os seres humanos é fria e meticulosamente calculada, e quanto à família, “a burguesia rasgou o véu de comovente sentimentalismo que envolvia as relações familiares e as reduziu a meras relações monetárias” (MARX e ENGELS, 2009, p.48).

Entretanto se você se considera um “selvagem” inferior e ainda não leu esse livro, o conselho que lhe daria Mustafa Mond seria para que não desperdiçasse seu tempo lendo-o. Pois, um livro poderia *descondicionar* tudo o que você aprendeu até agora, afirmação com a qual não podemos deixar de concordar, pois ao ler e adquirir conhecimento você é capaz de abrir os olhos para uma dura realidade e se propor a mudá-la.

Na maioria das vezes, o conhecimento não traz alegria nem conforto e, se você quer estabilidade em sua vida, aconselhamos mesmo a não ler o livro. Há um grande risco de você se revoltar contra esse sistema, assim como o personagem Bernard Marx, que faz parte desta narrativa de *ficção científica*. Tal personagem nos remete ao nome de Karl Marx. Pensador que fez e sempre fará parte de nossa história real, a quem recorremos a fim de buscar algumas passagens que confirmam a validade das críticas de Aldous Huxley sobre a nossa sociedade. A utilização do sobrenome “Marx” não é mera coincidência no livro de Huxley.

A grande crítica de *Admirável Mundo Novo* é feita para a nossa própria sociedade capitalista, que exclui e coloca milhões de seres humanos num mundo à parte, dentro de uma “reserva de esquecidos” em que não há o que ser feito, pois “[...] uma Reserva de Selvagens é um lugar que, devido a condições climáticas ou geológicas desfavoráveis, ou à pobreza de recursos naturais, não compensa as despesas necessárias para civilizá-la” (HUXLEY, 2009, p.252).

Tal afirmação com certeza nos lembra a falta de investimento dos governos em relação a diversos setores da sociedade brasileira e mundial. Existem fatos que estão perpassando os séculos, até mesmo uma era. Ficamos nos perguntando: qual é nosso papel nas sociedades, assistir e reproduzir a desigualdade? Será que realmente acreditamos que “todos são felizes” e não podemos fazer nada para mudar a realidade, e que cada um tem seu lugar? Tememos que as pessoas comecem a pensar nessas questões apenas no ano 2012 d.F.

Ao leitor que chegou até aqui, esperamos minimamente ter contribuído para desestruturar este condicionamento, ao qual todos somos submetidos. Nossas possibilidades de mudança podem ser pequenas, porém reais, a começar por questionar os valores da sociedade em que vivemos.

Referências

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. São Paulo: Globo, 2009. 397p. (Coleção Globo de Bolso). Tradução de Lino Vallandro e Vidal Serrano.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2009. 144p. (Coleção A Obra-Prima de Cada Autor). Tradução de Pietro Nassetti.

Recebido em abril de 2012 e aprovado em maio de 2012.